

POR UMA ARQUEOLOGIA DO FEMININO

Pedro Paulo V. A. Azevedo*

Dando continuidade as nossas considerações sobre a feminilidade acho oportuno ter em mente como na nossa cultura o imaginário da sexualidade feminina e masculina são construídos. Rose Marie Muraro baseada numa pesquisa própria levantou dados muito interessantes de caráter social e antropológico, ilustrando como as relações de gênero interagem numa sociedade capitalista. Seu trabalho acabou sendo publicado num livro editado pela Vozes em 1983, "*Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil*" que levantou uma enorme celeuma na época, chegando mesmo as primeiras páginas dos jornais.

Neste trabalho foi analisado os vínculos entre o sócio-econômico e o individual, entre público e privado, entre classes sociais e gênero. A autora acabou por esbarrar nos conceitos das classes em confronto: opressores e oprimidos, dominantes e dominados. Altos capitalistas, autoridades, etc de um lado e operários e camponeses de outro. Foi verificado então que havia um discurso de classe e de gênero. Por exemplo, quanto ao gênero as mulheres se referiam ao seu corpo na primeira pessoa (eu), já os homens se referem ao seu corpo na terceira pessoa (ele o corpo). Quanto as camadas sociais as mulheres das classes dominantes inclinavam-se a ver no corpo o lugar do belo inserido na competição sexual pelos melhores homens enquanto as camponesas tinham o corpo como instrumento do trabalho. Portanto enquanto nas primeiras o prazer e o consumo prevaleciam nas segundas o que falava era o sentido de produção. Um comportamento intermediário foi manifestado pela classe das operárias. Ora identificadas com o ideário da burguesia mistificavam o corpo como sexy, sedutor ora consciente de sua realidade percebiam o corpo desencantado e marcado pelos encargos da produção.

A brilhante Rose Marie pôde concluir a presença não só de um corpo de gênero como também de classe e demonstra que a *percepção do corpo* é feita a partir do locus que o sujeito ocupa no sistema social. Além dessas questões quanto ao corpo seu trabalho abordou temas sexuais. Orgasmo, adultério, aborto, anticoncepcionais, procriação, masturbação, homossexualidade, virgindade, entre outros, foram temas enfocados pela a pesquisa.

Então: para essa autora enquanto o organismo e seu acervo genital são dados da natureza, o corpo e a sexualidade são construções do sistema sócio-econômico e variam enormemente. Enaltece a profunda influência que esse sistema exerce sobre a sexualidade

humana reconhecendo sem ênfase, entretanto, a independência do inconsciente desse processo de intervenção cultural.

Como uma boa feminista sua atenção acaba por se dirigir ao surgimento das mulheres no domínio público na Segunda metade do século XX por meio dos movimentos feministas que segundo a autora *“trouxeram um novo olhar, o chamado olhar feminino”* que repensa as ciências e a relação masculino/feminino. Comunga com uma autora americana (Carol Gilligan) que a identidade sexual masculina tem a ver com autonomia e solidão, onde a libido corre para o não-corpóreo (sublimação) tornando os homens aptos para atuar no mundo público do poder, do trabalho e da competição. Se abstraem e dão prioridade ao racional e tornam-se, pelo amor de salvação a si, egocêntricos. A mulher, de modo diferente, sublima menos e sabe que é o amor do outro que pode salvá-la. Sua libido permanece no corpo sendo educada para amar o outro, para servir, para o altruísmo, etc..

Mais uma vez, como uma boa feminista, atribui esses fatos como fabricados pelo sistema sócio-econômico patriarcal que foi construído durante centenas de séculos (oito mil anos pelo menos) e que hoje, nas palavras da Sra. Muraro, *“parecem naturais à grande maioria de nós, inclusive aos psicanalistas clássicos”*.

Conclui, então, que esse “olhar feminino” que vem rever com profundidade todo o pensamento humano, ao levar em conta os valores da intuição, da subjetividade, da solidariedade e da partilha (para ela valores femininos), pôde desconstruir o modelo convencional masculino/feminino e desconstruir conseqüentemente a relação social do opressor/oprimido. Atribui as obras das feministas neste final de século e de milênio essa grande mudança de atitude. Foi preciso que, segundo a autora, *“chegássemos à arqueologia do feminino e do masculino”* para fazer tal desconstrução de um modelo que se não for transformado manterá os modelos predadores de desenvolvimento (selvageria do macho) ameaçando, inclusive, a sobrevivência da espécie que depende de um desenvolvimento auto-sustentável.

É evidente que o raciocínio de Rose Marie Muraro é lógico e coerente. Tem substância e fala **parte** da verdade. Só que, como ela mesmo afirmou, o inconsciente é dado, ou seja, não se submete a essa ou aquela regra. Há questões nesse tema que superam a lógica do discurso e a coerência. O inconsciente não é machista ou feminista (muitas vezes cara metade do machista), simplesmente é. É uma **parte** longe de ser a menor. O lado submerso do iceberg. Se formos mais prudentes veremos que a arqueologia levantada pela a autora assim como de outras feministas, apesar de valiosa, ainda é uma pequena parte e está muito distante de um verdadeiro *ARQUEOS*. Ora, é mérito da psicanálise ter se importado com essa arqueologia muitos anos antes de qualquer movimento feminista significativo.

Freud, já em 1904, denunciava a redução realizada pela a sexologia. Essa última não valoriza o que a psicanálise tem como fundamento - o Inconsciente, o *arqueos*. Ao dar uma dimensão ampliada à sexualidade, articulando a subversiva sexualidade infantil polimorfo-perversa, a dita sexualidade normal e as perversões adultas, Freud revolucionou as concepções da psicopatologia sexual, até então, biologizantes (do furor asséptico e reprodutivo) e preconceituosas (inquisidora de aberrações, anomalias e degenerescências). Os sexólogos, de um modo geral, continuam cegos para o inseparável vínculo dos processos mentais inconscientes com o campo da sexualidade.

As coisas não são tão simples, e uma análise econômico-social não dá conta do porque há opressores e oprimidos, do porque da soberania do sistema patriarcal e do porque dos modelos ditos convencionais de masculino e feminino. Isso não está aí por acaso e sem considerar os determinantes inconscientes do modelo social não haverá progressos consideráveis, a despeito dos discursos, para uma sociedade mais próxima possível do que seja justa, harmônica e auto-sustentável. *A parada é muito dura!*

O inconsciente (o arqueos) está, indiscutivelmente, além de qualquer discurso manifesto dos gêneros, por mais inteligentes e pertinentes que sejam. Deveremos voltar a essas páginas para trabalhar por uma arqueologia do feminino. Afinal feminino não é atributo exclusivo das mulheres, mas uma parte integrante e formidável da alma humana.

*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).